

O OCO &

O AVESSO

À memória de Caio F. e de Néstor Perlongher

Flávio Abreu

O OCO &
O AVESSO

1ª Edição

São Carlos / SP

EDITORA DE CASTRO

2020



Editor da Editora De Castro:
Carlos Henrique C. Gonçalves
Projeto gráfico e arte capa:
Carlos Henrique C. Gonçalves
Revisão de texto:
Editora De Castro

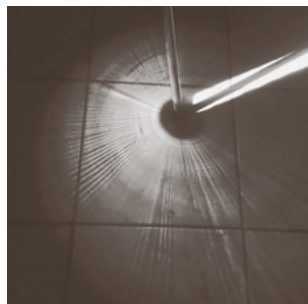


Foto capa:
José Mario C. Gonçalves - @jose.mario.1974

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

A162 Abreu, Flávio.
O oco & o avesso / Flávio Abreu. — 1. ed. — São
Carlos : De Castro, 2020.
58 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-86540-19-2

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira.
I. Título.

CDD B869.1

Todos os direitos desta edição reservados a Flávio Leonel Abreu da Silveira.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,
constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Editora De Castro
16 3372-9679
contato@editoradecastro.com.br
editoradecastro.com.br

AO LEITOR OU A QUEM INTERESSAR POSSA

Demorei muito para publicar um livro de poemas. Acontece que escrevo poesias faz um bom tempo e há um material significativo ainda por publicar. Timidez, autocrítica exagerada, receio de como me leriam – quem sabe – falta de oportunidades, preguiça... Com a chegada dos 50 (e agora estou com 53) pensei que precisava fazê-lo, pois me pareceu o momento de mostrar parte deste material. É uma espécie de acerto que faço com o meu tempo, já que são 30 anos escrevendo de maneira esparsa e, certamente, com quem queira ler os escritos que aí estão. Escrevo o que me dá prazer no sentido de força das imagens, de como elas podem se agrupar e gerar tensões evocadoras de imagens outras. Tanto me interessa tangenciar o belo quanto purgar algo do grotesco deste mundo que é o meu, de outros, seus espelhos distorcidos onde me vejo e oscilo, reflexos que projeto ou me atravessam. E se o que escrevo reverberar em alguém, seja lá como for – já que me escapa – estou satisfeito.

Minha escritura ambiciona o extático nas suas dimensões plurais, mas adere a certas vibrações mundanas, seus paradoxos. São paisagens existenciais profundas porque ocas, fúteis e delirantes, obesas de volteios barroquizantes certas vezes, econômicas como um osso noutras. O que sou hoje como pessoa no mundo toca o passado recente do país e revela certa intensidade metamórfica na mesmidade do meu ser, naquele que fui ou no que me cabe de vivido agora: estes escritos são reflexos disto e são o resultado de um trabalho entre **2016-20**, mas cotejam o material que elaborei nessas décadas. Enfim, neste país que me pariu, o que me resta é escrever o que sinto e que, necessariamente, não é sobre mim, mas sobre o que me atravessa em sua delícia e horror. Neste país que me pariu, minha poesia se dispersa no seu caos que é justo aquele do mundo vivenciado a nosso modo. E, assim, sigo deambulando por caminhos e por espaços abertos que não sei onde vão dar, mas que teimo em percorrer pelo que virá.

Abril de 2020.

Flávio Abreu

O OCO &

2016 - 2020

O AVESSO

do denso refúgio em tessitura, pulsa:
enlace e ranhura que na urdidura fixa

(quando no casulo ao acaso fica)
 & a esmo o claustro
 numa
 desdobradura de si,
perdura ávida de céus...
 no refúgio dos instantes seus
mas o casulo, crisálida suspensa,
em devir transfigura o dia em asas e vórtices
: a crisálida já matura em sua crueza
 (translúcida revigora)
 o destino afoito de voar lonjuras
metamorfoseando-se demaseada, liberta-se
 em borboleta nectarívora a oscilar, colore
 num vir a ser de flores e de ventos de verão
 o desabrochar de luzes e sombras num jogo
e assim, todos o voos seriam conquistas
 - no solar desejo de céus de anil e véus de luz
 ou na tensão plúmbea das nuvens tempestuosas -
 no estalar de asas em espaços abertos
 ou na volatilidade dos tempos encobertos
 de um existir ao léu nas calmarias
 ou nas turbulências
 no pousar discreto sobre folhas orvalhadas de mistérios
 ou na mímesis das flores tubulosas em gozos
todos os voos seriam aventuras
 metamórficas liberdades no alvorecer dos seres
 pelo que são
 (folhas e flores)
 casulos-crisálidas
 borboletas
 : do galho tenso na manhã pende o voo
 (vai)... o fluir do dia tem certo o seu vagar

ela disse:

cada um acha o seu caminho

pensei

q alguns passem ao largo

q só chegue o q mereça

q só parta o necessário

q fique o q frutifique

(farto pelo q divida,

vasto pelo q se entrega,

cheio pelo q sacia)

q cada um se encontre naquilo q lhe caiba seu

q uns passem, outros fiquem, e sigamos

pedaço por pedaço
a boca da noite aceita
 os nacos do dia
e ostenta estrelas dadivosas

céu azul ou
blues de céus sem fim
 (resplandecências)
 a alvura fofa das nuvens
 treme
na tormentosa tarde invernall
 chega
o cinza revoltoso se contrai:
 perdera-se o anil
 num desassossego
 (dias de sóis idos)
as águas saturam tardes cidadinas
 : proliferam mofos
alagam seus rumos devorando casas
nesse chumbo-turbulência-quase raiva
 da janela a vista
 - diluviana -
 acolhe o silêncio torto q escorre

(Belém, inverno 2017)

vestir o fino tecido da vida e seus costumes
: saber das amarras é isso, diria o artesão entre trapos,
pois retraçar o linho e o lenho
no tear do tempo merece a força na tessitura,
ou os fios dadivosos no espaço e no enleio
pela urdidura a que se entrega o ser:
o corte e a fina alfaiataria de existências
o molde, a tesoura, a fita métrica, e nada se basta
no desenho das linhas da mão a encontrarem o fundo do novelo
(seus nós e densos volteios)
até desatar o começo e o fim num existir de fibras e tons pelo inexato
de incertezas traçadas na carne da seda sutil do viver
e saber que a estopa aquiesce o corpo e irrita a pele dos dias, suas ranhuras e fiapos,
sem jamais esquecer que os laços que ligam pontas reconhecem a firmeza do dedal

Seguir com golfinhos
 numa paisagem marítima intensa
Revirando o corpo, veloz
 Encontrar-se no bando e acreditar
Seguir com golfinhos
 ao encontro de arquipélagos utópicos
 Em horizontes distantes mirar-se
 no reflexo de tempos longínquos
Girar, girar em torno de si
 Sincronicamente estar junto
E pelo nado encontrar, sereno,
 a comunhão sob o sol no mar
 Fluir assim como quem se perde
Sem porto seguir entre ondas e ventos,
 na desenvoltura dos corpos esguios, vagar
E eles saltam em torno de mim
 numa paisagem interior
 encontram-me etéreos
 extravasam pelos poros, sutis
Seguir golfinhos ao fundo de si
 Fluir na manhã até a areia
 E jamais crer que a praia é o fim

tetas apocalípticas pingam os sumos contaminados na valeta do dia, vertem nas latrinas a merda que reverbera seus odores no ar da tarde suarenta e oca as bichas, já loucas, soltam gritinhos e gesticulam entre bofes afetadíssimos um caboclo parrudinho e de pica dura sabe das virtudes dos buracos alheios que cidade de porra exalando esgotos a céu aberto nas ruas, lixos e sujeiras um doidim canta um hino de igreja pra dois caras seminus sentados juntos outros dois jogam baralho, as genitálias expostas mijando ao léu dos postes urubus cagando e comendo restos e a maré lambendo as bordas do cais ali casarões de passados decadentes duram fantasmagorias numa aura incerta o dia segue assim nessa pachorra, um sujeito fuma um cigarro amassado e
já cospe grosso